

# **DOMINICK LACAPRA: DOCUMENTOS E EPISTEMOLOGIA NA HISTÓRIA INTELECTUAL**

RICARDO OLIVEIRA DA SILVA\*  
FABRÍCIO ANTÔNIO ANTUNES SOARES\*\*

## **RESUMO**

No presente artigo iremos expor algumas considerações feitas pelo historiador Dominick LaCapra sobre o que seriam os textos históricos na condição de documento de pesquisa na área da história intelectual. De acordo com ele, a fonte de pesquisa na história intelectual deveria ser compreendida como formada por um aspecto documentário (referência às informações literais do passado no texto) e um aspecto ser-obra (a maneira como o passado seria apresentado nos textos). Diante disso, caberia ao historiador interpretar sua fonte de forma dialógica, ou seja, um processo interrogativo do presente para com o passado, base epistêmica na construção do conhecimento na história intelectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Intelectual, documento, epistemologia.

## **ABSTRACT**

This article made by the historian Dominick LaCapra about what would be the historical texts on condition that research document in the intellectual history area. According to him, the source of research in intellectual history should be understood as consisting of a documentary aspect (reference to the literal information of the past in the text) and a being-work aspect (the way the past would be presented in the texts). With regard to that, would be to the historian to interpret his source in a dialogical way, that is, an interrogative process from the present to the past, an epistemic basis in the construction of knowledge in intellectual history.

**KEYWORDS:** Intellectual History, document, epistemology

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)/Campus de Nova Andradina. E-mail: [ricardorusse@gmail.com](mailto:ricardorusse@gmail.com)

\*\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Programa de Pós Graduação e do Curso de Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: [faas@upf.br](mailto:faas@upf.br)

## INTRODUÇÃO

“La historia se hace con documentos. Los documentos son las huellas que han dejado los pensamientos y los actos de los hombres de otros tiempos.” (LANGLOIS, SEIGNOBOS, 1972: 17). Foi com essa afirmação que os historiadores franceses Charles Langlois e Charles Seignobos iniciaram o primeiro capítulo do livro *Introdução aos estudos históricos*, publicado em 1898. Nela está implícita uma concepção do que seria o documento histórico: um material que traria informações sobre os pensamentos e os atos dos homens que viveram no passado. No entanto, esse material só teria validade como documento histórico se fosse comprovada a veracidade dele e das informações que continha. Essa foi à época da chamada história científica, quando historiadores supunham que o método heurístico daria legitimidade a sua área de pesquisa, pois revelaria o que realmente aconteceu no passado (MARTINS, 2010)<sup>1</sup>.

A preocupação desenvolvida no século XIX sobre que tipo de documento poderiaser considerado fonte histórica, e como deveria ser analisado, permanece um tema importante para os historiadores nos dias atuais. Ela expressa o fato de que por meio de um material esses profissionais se propõem produzir um conhecimento verídico sobre o passado. Porém, definir o que é a verdade expressa no trabalho dos historiadores significa adentrar em uma seara de implicações epistemológicas. É nesse sentido que uma abordagem do material de pesquisa por parte dos historiadores não pode ficar restrita ao nível metodológico, um viés privilegiado por Charles Langlois e Seignobos.

Nesse artigo nossa tarefa será expor algumas considerações sobre a relação entre documentos (sua definição e características) e epistemologia (o que é e como se produz o conhecimento). No entanto, faremos isso não tendo como foco a historiografia de um modo geral, mas um âmbito específico dela: a chamada história intelectual. E, sendo ainda mais pontual, realizaremos essa tarefa utilizando o trabalho do historiador norte-americano Dominick

---

<sup>1</sup>Naquele momento tinha força entre os historiadores franceses à ideia de que fonte histórica eram os documentos (escritos) produzidos pelo Estado, resultando em uma história fortemente política e administrativa, centrada nos líderes políticos e militares. Mais tarde isso mudou. Veja-se, por exemplo, o caso dos *Annales*, corrente historiográfica francesa que defendeu ao longo do século XX o uso de dados estatísticos, demográficos, literatura, cinema, entre outros tipos de materiais, para pesquisar a vida econômica, social e cultural dos seres humanos (REIS, 2004), (REIS, 2006).

LaCapra, o qual, no começo dos anos 1980, apresentou uma arrojada definição de documento histórico nesse domínio da historiografia, o qual seria formado por um componente documentário e ser-obra, e que poderia ser analisado pelos historiadores por meio de uma abordagem dialógica. Ainda que a discussão de LaCapra tenha tido como foco a história intelectual, suas considerações teóricas sobre fonte histórica podem ser consideradas uma referência para os historiadores que desejam se afastar da rigidez do modelo historiográfico legado pelo século XIX.

## **O DOMÍNIO HISTORIOGRÁFICO DA HISTÓRIA INTELECTUAL**

A exposição dos argumentos desenvolvidos por Dominick LaCapra para definir o que seria documento e a forma de analisá-lo na história intelectual precisa, preliminarmente, passar pela apresentação do que é a história intelectual. Contudo, uma observação se faz necessária para evitar confusões no decorrer da leitura: como denominar esse domínio historiográfico? Seria história das ideias ou história intelectual? Para alguns historiadores o termo “história das ideias” diria respeito a uma perspectiva de pesquisa na qual se estudaria as ideias em si, sem nenhuma relação com seus contextos de produção (DARNTON, 2010). Para outros, como é o nosso caso, história das ideias e história intelectual seriam formas de denominar um mesmo domínio historiográfico, o qual possui como objetivo principal analisar a historicidade das ideias produzidas ao longo do tempo por homens e mulheres em diversas esferas da sociedade (SILVA, 2015). Dominick LaCapra, ainda que não toque nessa discussão, usa preferencialmente no seu trabalho o termo história intelectual.

José D’Assunção Barros (2008) situou a história das ideias como um domínio historiográfico, ou seja, uma subdivisão da história que tem como foco de estudo o campo temático da relação entre as ideias e a história, e que ao longo do século XX conheceu uma abordagem que estudava as ideias em si, sem relação com os contextos de produção, até uma história social das ideias, “onde é tarefa primordial do historiador compreender e constituir um contexto social adequado antes de se tornar íntimo das ideias que pretende examinar” (BARROS, 2008: 04). Ricardo Oliveira da Silva (2017) destacou que a história das ideias é o estudo dos significados produzidos por homens e mulheres ao longo do tempo e legados a posteridade. Já Jorge Myers fez a seguinte afirmação:

A história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção (MYERS, 2016: 24-25).

A partir do pressuposto de que esse domínio historiográfico analisa as ideias produzidas por homens e mulheres, o historiador Robert Darnton (2010) postulou quatro abordagens: a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), a história social das ideias (o estudo das ideologias e da difusão das ideias) e, por fim, a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo nesse rol concepções de mundo e mentalidades coletivas).

## **DOMINICK LACAPRA: DOCUMENTOS E EPISTEMOLOGIA NA HISTÓRIA INTELECTUAL**

Para apresentarmos aos leitores e leitoras o tema documentos e epistemologia na obra de Dominick LaCapra optamos por dividir esse tópico do artigo em três partes: a) o contexto de produção da obra de LaCapra no começo da década de 1980; b) a definição do texto histórico, enquanto documento de pesquisa na história intelectual, formado pelo aspecto documentário e ser-obra; c) a abordagem epistêmica dialógica na história intelectual.

### **A) O CONTEXTO HISTORIOGRÁFICO DE LACAPRA**

A produção historiográfica do norte-americano Dominick LaCapra nos primeiros anos da década de 1980 procurou marcar posição em um debate sobre a condição epistêmica e acadêmica da história intelectual nos EUA. De acordo com Robert Darnton (2010), a história das ideias ganhou espaço naquele país nas primeiras décadas do século XX por meio das pesquisas de Arthur Lovejoy e Perry Miller, e em aliança com a história social nos anos 1920 e 1930. No entanto, “a aliança, [...], se desfez nas duas décadas seguintes, quando Arthur Lovejoy e Perry Miller ergueram o nível da história intelectual, despindo-a de qualquer consideração pelo

contexto social” (DARNTON, 2010: 206).

François Dosse afirmou que, “La concepción de la historia de las ideas preconizada por Lovejoy es explícitamente idealista, según un principio de plenitud que há informado, em su opinión, el pensamiento occidental durante una larga duración desde Platón” (DOSSE, 2006: 182). Com base em tal premissa, a tarefa do historiador das ideias seria localizar e apresentar novamente as configurações ideais presentes na história do pensamento ao longo dos séculos, a partir de uma concepção imanentista da história das ideias.

A tarefa que Arthur Lovejoy atribuiu à história das ideias, a pesquisa das ideias sem relação com os seus contextos de produção, perdeu prestígio acadêmico nos anos 1960 e 1970 diante do interesse cada vez maior dos historiadores por uma história de viés social. O país vivia uma conjuntura efervescente, com as lutas do movimento negro, feminista e os protestos contra a Guerra do Vietnã, que aumentavam a demanda por uma história social. Já do ponto de vista epistêmico, eram cada vez maiores as dúvidas sobre as possibilidades de análise das “ideias-unidade”, levando ao descrédito da história das ideias. E foi exatamente nesse contexto que Dominick LaCapra começou a publicar seus trabalhos nesse domínio historiográfico. Porém, fez isso sob a influência de novas referências intelectuais. No caso, o chamado *linguistic turn*:

Lo que los anglos aijones califican como *linguistic turn* es, por una parte, la importación a tierras americanas de la moda del paradigma estructuralista, que há dominado la escena francesa em los años 1960 y que irradia bastante depra sobre los campus americanos desde los años 1970 bajo la denominación de “postestructuralismo”. A esta influencia, completamente externa, de Barthes, de Foucault, de Derrida, viene a añadirse una influencia endógena, la de la filosofía analítica anglosajona, del narrativismo de Arthur Danto, de Louis O. Mink, y del pragmatismo atento a los actos de lenguaje según las teorías de Austin y Searle (DOSSE, 2006: 188-189).

Federico Finchelstein (2005) afirmou que a aproximação de Dominick LaCapra com os aportes filosóficos de Derrida nos anos 1980 esteve relacionado com o objetivo de pensar a história intelectual não apenas como uma história da filosofia e/ou uma sinopse das ideias e sistemas de grandes pensadores, mas vincular essa produção com expressão de elite e de setores subalternos. Para atingir tal meta, um dos caminhos que a história intelectual teria que trilhar seria a via metodológica interdisciplinar, para problematizar os fatores que influenciaram na produção dos textos,

como os contextos de formação. O historiador não somente deveria “descobrir” coisas novas, mas também empreender “leituras novas” de suas fontes: “se trata más bien de combinar el análisis y la lectura de textos con los protocolos de investigación tradicionales de la historiografía de archivo” (FINCHELSTEIN, 2005: 12). Com esse objetivo Dominick LaCapra se aproximou da obra do filósofo Jacques Derrida:

La Capra caracteriza su relación con Derrida como una apropiación crítica y altamente selectiva, en particular con respecto a la posibilidad de reconocer y criticar relaciones binarias propuestas por acercamientos historiográficos previos. [...] En este ámbito, La desconstrucción es incorporada a la discusión pero no adoptada como método. [...] La historia intelectual combina estrategias de investigación empírica con un marco dialógico entre vocês del presente y del pasado, que incluyen al autor y sus fontes en una temporalidad procesal marcada por desplazamientos, continuidades y rupturas (FINCHELSTEIN, 2005: 13).

O encontro de Dominick LaCapra com o trabalho filosófico de Jacques Derrida o ajudou a redefinir a forma de desenvolver o ofício do historiador naquilo que ele chamou de história intelectual, um termo que parece ter sido usado para se distanciar da história das ideias cujo expoente tinha sido Lovejoy.

## **B) A DEFINIÇÃO DO TEXTO PELO ASPECTO DOCUMENTÁRIO E SER-OBRA**

A partir de agora iremos apresentar os argumentos elaborados pelo historiador norte-americano Dominick LaCapra para definir o que seriam os textos enquanto documentos históricos e o tipo de abordagem adequada para o desenvolvimento da pesquisa na história intelectual. Para isso, nós vamos usar como principal referência o trabalho *Repensar a história intelectual e ler textos*, publicado pela primeira vez em 1980 em *History and Theory* e republicado em 1983 no livro *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language*.

Dominick La Capra afirmou inicialmente que o objetivo da história intelectual proposta por ele era a leitura e interpretação de textos complexos, os chamados “grandes” textos da tradição ocidental, e a formulação dos meios de investigação apropriados para a compreensão da relação desses textos com seus diversos contextos de produção. Isso exigiria do historiador o diálogo entre

passado e presente, o que colocaria em evidência o papel da linguagem utilizada por esse profissional na investigação do seu material de pesquisa. Em síntese, “la cuestión de cómo el uso da lenguaje por parte del historiador se dirige a través de factores críticos que no pueden reducirse a la predicación fáctica o la aserción autoral directa sobre la ‘realidad’ histórica” (LACAPRA, 2012: 240).

No entanto, antes de precisarmos mais detidamente essa relação dialógica entre passado e presente na história intelectual, gostaríamos de expor o entendimento desse historiador sobre o seu objeto de estudo. Para Dominick La Capra, em primeiro lugar deveríamos entender o texto produzido por gerações passadas como o uso situado de uma determinada linguagem. Os processos textuais, contudo, não poderiam ser vistos confinados no interior de um livro, pois, o “mundo real” também seria “textualizado” de diversas maneiras:

En términos más generales, la noción de textualidad sirve para hacer menos dogmático el concepto de realidad al apuntar al hecho de que uno está “siempreya” envuelto en problemas de uso del lenguaje en la medida en que intenta obtener una perspectiva crítica sobre ellos, y plantea la cuestión tanto de las posibilidades como de los límites del significado. Para el historiador, la reconstrucción misma de un “contexto” o una “realidad” se produce sobre la base de restos “textualizados” del pasado (LACAPRA, 2012: 241).

É diante disso que o historiador norte-americano veria como valioso o enfoque sobre a textualidade elaborado por Jacques Derrida, pois ele indagaria de uma forma crítica os textos e evitaria a reprodução dos excessos de uma tradição histórica “mediante la rehabilitación de los emergido o reprimido e nella y la inclusión de los elementos sumergidos o reprimidos en una ‘contienda’ más imparcial contendencias que en sus formas dominantes son nocivas” (LACAPRA, 2012: 245). Por exemplo: no texto *O queijo e os vermes*: o cosmo de um historiador do século XX, publicado originalmente em 1985 no livro *History e Criticism*, ao ponderar sobre a análise dos documentos da Inquisição italiana do século XVI, La Capra advertiu sobre a necessidade de uma leitura crítica e rigorosa de documentos, como o da Inquisição, antes de serem usados como fontes para reconstrução inferenciais da “realidade”. Esses documentos seriam em si mesmo realidades históricas, que não apenas representariam mais também suplementariam as

realidades às quais se refeririam. Um registro da Inquisição seria, em primeiro lugar, “parte de um contexto discursivo que incorpora relações hegemônicas, e um estudo rigoroso da natureza das perguntas e respostas pode proporcionar um entendimento concreto da ação mútua entre dominação e ‘reciprocidade’ assimétrica” (LACAPRA, 2015: 306).

Dominick LaCapra adverte sobre os cuidados necessários na análise das informações dos documentos históricos pelo fato de partir de uma compreensão de que o texto seria formado por um aspecto documentário e por um aspecto “ser-obra”. O aspecto documentário situaria o texto em termos de dimensão fática ou literal que implicam a referência a realidade empírica e transmitem informações sobre ela. Já o aspecto “ser-obra” complementaria a realidade empírica com adições e subtrações, ao evidenciar dimensões do texto que não poderiam ser reduzidos ao documentário, “que incluyen de manera preponderante los papeles Del compromiso, la interpretación y la imaginación” (LACAPRA, 2012: 245). O ser-obra seria crítico e transformador, pois desconstruiria e reconstruiria o dado, e também traria ao mundo, nesse processo, modificações que permitiriam novas interpretações por parte dos historiadores:

Por lo común aludimos a *Los Hermanos Karamazov* e a *La fenomenología Del espíritu* como obras, y a una planilla de impuestos, un testamento y el registro de una investigación como documentos. Pero la obra se sitúa en la historia de un modo que le da dimensiones documentarias, y el documento tiene aspectos del ser-obra. En otras palabras, tanto el “documento” como la “obra” son textos que implican una interacción entre los componentes documentarios y de ser-obra que debería examinarse en una historiografía crítica (LACAPRA, 2012: 246).

Para Dominick LaCapra as dimensões do documento que fazem dele um texto de certa classe, com sua própria historicidade e relações com os processos sociopolíticos, aparecem quando o usamos na reconstrução do passado. O registro de uma investigação, por exemplo, é em si mesmo uma estrutura de poder textual que o vincula com relações de poder na sociedade em geral. O seu funcionamento enquanto texto está íntima e problematicamente relacionado com seu uso para a reconstrução da vida do passado. Por outro lado, “los aspectos más documentarios de una obra se pasan por alto cuando se la lee e de una manera puramente formalista o como una fuente aislada para la recuperación

de un significado pasado” (LACAPRA, 2012: 246).

Um ponto destacado por LaCapra é que no diálogo com o “outro”, via o texto, precisamos ter um tema e transmitir algum tipo de informação, o que evidencia a própria historicidade do processo de interpretação. Nesse sentido, a historicidade do intérprete está em discussão tanto nas perguntas que faz como nas “respostas” obtidas por um texto formado pelo aspecto documentário e ser obra.

### **C) A ABORDAGEM DIALÓGICA**

Ao afirmar que o texto seria composto por um aspecto documentário e ser-obra Dominick LaCapra reconhecia o predomínio nos diversos domínios historiográficos de um enfoque documentário na leitura dos textos, o qual também estaria presente na história intelectual. O predomínio desse enfoque documentário na historiografia seria uma das razões cruciais pelas quais determinados textos, como os literários, eram excluídos enquanto registro histórico. Na história intelectual essa ênfase se expressaria em uma interpretação não problematizadora dos objetos ou entidades de interesse histórico. Estas entidades poderiam ser as “ideias unidades” de Arthur Lovejoy ou as “estruturas da consciência” o da “mente”, como apareciam na obra de Ernst Cassirer.

Contudo, uma compreensão da história intelectual como uma história de textos poderia permitir uma nova formulação de problemas introduzidos por enfoques já estabelecidos e um intercâmbio mais informativo com o tipo de história social que relaciona discurso e instituições. Não seria o caso de descartar o perfil documentário existente no ofício do historiador, mas não ficar restrito a ele:

La reconstrucción Del pasado es unes fuerza importante y la documentación confiable es un componente crucial de cualquier enfoque que pretenda ser histórico. Pero El predominio de una concepción documentaria distorsiona nuestras maneras de entender tanto la historiografia como el proceso histórico. Em realidad, traté de sugerir que una concepción *puramente* documentaria de la historiografia es em si misma una ficción heurística, porque la descripción nunca es pura, e nel sentido de que um hecho es pertinente para una de ellas solo cuando se lo escogecon referencia a un tópico o cuestión planteados al pasado (LACAPRA, 2012: 281-282).

Seria frutífera para a história intelectual uma abordagem dialógica do presente para com o passado, reconhecendo o aspecto documentário e ser-obra dos textos:

Aun si se aceptala metáfora que presenta la interpretación como la “voz” del lector histórico em el “diálogo” com el pasado, debere conceerse activamente que esse pasado tiene sua próprias “voces” que hay que respetar, en especial cuando se resisten o condicionan las interpretaciones que quisiéramos atribuirles. Un texto es una red de resistencias, y un diálogo es um asunto bilateral; um buen lector es también uno yente atento y paciente (LACAPRA, 2012: 285).

Um diálogo efetuado pelo historiador com o passado, que investigue a relação dos textos com seus contextos pertinentes, seria um caminho produtivo para o desenvolvimento da história intelectual, subtraindo-a de um estudo das ideias “em si”, concepção que estava associada durante muitos anos ao nome de Arthur Lovejoy.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A historiografia da qual foram expoentes Charles Langlois e Charles Seignobos desenvolveu uma definição bastante precisa sobre o que seria o documento histórico e o seu papel na construção do conhecimento histórico: o documento uma fonte que, comprovado heurísticamente sua veracidade e das informações que continham, mostraria fielmente a verdade sobre o passado histórico.

A história das ideias desenvolvida em solo norte-americano por Arthur Lovejoy, através de um enfoque eminentemente internalista das obras, procurou por meio da concepção das ideias-unidade postular um ideal de verdade para o conhecimento histórico, porém, sem historicidade. Com a obra de Dominick LaCapra, somos apresentados a uma concepção dos textos históricos como documento de pesquisa. Conforme esse historiador norte-americano, ao aspecto documentário e ser-obra de um texto está associado a compreensão dialógica, o que evidencia a historicidade da interpretação histórica no âmbito da história intelectual. Documentos, pesquisa e epistemologia ficam assim associados de maneira indelével na obra de LaCapra.

## BIBLIOGRAFIA

BARROS, José D'Assunção. História das ideias – em torno de um domínio historiográfico. In: *História em Reflexão*. Dourados, vol. 02, nº 03, p. 01-11, jan./jun. 2008.

DARNTON, Robert. *O beijo de lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Valencia: PUV, 2006.

FINCHELSTEIN, Federico. Dominick LaCapra, historiador de la historia. In: LACAPRA, Dominick. *Escribir la historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005, p. 09-16.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). *Giro lingüístico e história intelectual*. Buenos Aires: Universidad nacional de Quilmes, 2012, p. 237-293.

\_\_\_\_\_. O queijo e os vermes: o cosmo de um historiador do século XX. *Topoi*, Rio de Janeiro, vol. 16, nº 30, p. 293-312, jan./jun. 2015.

LANGLOIS, C.V., SEIGNOBOS, C. *Introducción a los estudios históricos*. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, 1972.

MARTINS, Estevão de Rezende. O renascimento da história como ciência. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 07-14.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.) *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 23-56.

REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales. A inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. *A história entre a filosofia e a ciência*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Ricardo Oliveira da. História das ideias: abordagens sobre um domínio historiográfico. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 07, nº 13, p. 06-26, jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *História das ideias: a construção da identidade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

Recebido em 10.11.2018

Aprovado em 17.11.2018

